

Famílias ainda temem polícia

Acostumados à precariedade, os ex-moradores da invasão da 110 Norte, que já ficaram dias embaixo da rampa do Congresso, e que hoje estão alojados num Galpão em Sobradinho, não se esquecem do dia 16 de agosto, quando, "encurralados" por 2 mil e 500 homens da Secretaria de Segurança Pública, tiveram que deixar a invasão.

O trauma se reflete até hoje, em cada rosto, nas palavras e até no firme propósito de continuarem lutando por um lote dentro do Distrito Federal. "Meu filho até hoje não pode ver um policial que fica assustado", contou a líder comunitária Maura Ribamar, que considerou o dia da remoção como o pior de sua vida.

As histórias e experiências vividas pelas 72 famílias têm cenas em comum. O parto precoce de Maria Nadir, com sete meses de gravidez, é uma delas. A moça que

passava o dia trabalhando fora era solteira, e vivia sozinha em seu barraco na invasão da 110 Norte. No dia 16, quando as famílias foram expulsas do local, Maria, talvez apavorada com a situação, começou a sentir dores.

A última recordação que se tem de Nadir e que os moradores da extinta invasão não se esquece foram os gritos e o socorro emergencial prestado pela Cruz Vermelha. A partir deste dia, ninguém mais viu Maria Nadir, ou, pelo menos, sabe o que aconteceu a ela e ao seu filho. "Nem os hospitais sabem de nada", informou a líder comunitária Maura Ribamar.

A vida no galpão em Sobradinho é difícil, porém união é que não falta. Maria da Cruz, presidente da Associação dos moradores da ex-invasão, explicou que cada um tem sua atribuição para manter um lugar limpo e em condições de habitação.